anuário antropológico
1/2020 • janeiro-abril • v. 45 • nº 1

CONCEIÇÃO, Joanice. Irmandade da Boa Morte e Culto de Babá Egum: Masculinidades, Feminilidades e Performances Negras. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. 296p.

Aisha-Angéle Leandro Diéne • Universidade de Brasília – Brasil
Mestranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília - UnB, Arquiteta e Urbanista graduada pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e compõe o corpo editorial da Revista Calundu.
ORCID: 0000-0002-6115-6792
aisha.diene@gmail.com

Iyaromi Feitosa Ahualli • Centro Universitário de Brasília – Brasil
Antropóloga Social formada pela Universidade de Brasília - UnB, graduanda em Direito pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e membra do corpo editorial da Revista Calundu.
ORCID: 0000-0003-0672-1354
ifahualli@gmail.com

Joanice Conceição, doutora e mestre em Ciências Sociais e Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, apresenta reflexões, no livro *Irmandade da Boa Morte e Culto de Babá Egum: Masculinidades, Feminilidades e Performances Negras,* a partir dos contextos mortuários, sobre performances, segredos, poder e, principalmente, masculinidades e feminilidades. Toda essa ginga analítica acontece a partir do culto da Irmandade da Boa Morte em Cachoeirinha/BA e no culto de Babá Egum, na Ilha de Itaparica/BA, onde tudo começou. O livro é prefaciado pela descrição de Júlio Braga, Pós-Doutor em Ciências Humanas pela Faculté des Sciencies Humaimes de Estrasburgo na França e fundador e Babalorixá do Terreiro Axeloiá e Ojé do Culto de Babá Egum N'ilê Agboulá, localizado na Ilha de Itaparica/BA. No decorrer do prefácio, ele adverte que "a aplicação dos conceitos de masculinidades e feminilidades permite, numa dimensão antropológica, entender os infinitos e diferentes arranjos entre homens e mulheres para o bom exercício do andamento ritual" (p. 8–9).

Os infinitos e diferentes arranjos aos quais Braga se refere germinam do questionamento de Joanice Conceição sobre como o culto à Boa Morte, enquanto organização feminina, acessa lugares ditos como masculino e como o culto a Babá Egum, uma organização masculina, interage com a performance feminina. Para entender o caminho percorrido por Conceição, é preciso compreender que a autora busca falar de masculinidades e feminilidades – ao invés de tratar masculino e feminino enquanto formação corpórea de gênero – escolhendo, assim, tratá-las enquanto categorias móveis, assimétricas e desiguais na qualidade de performances ritualísticas.

Este complexo analítico – composto pelo universo mortuário nagô em diálogo com questões da performance, hegemonia, poder, entrelaçadas com as dimensões de masculinidades/feminilidades – conversa com autores como Juana Elbien e Júlio Braga para compreender o universo do Terreiro de *Lesém-Egum* de Babá *Agboula;* Richard Schechner, Victor Turner, Johan Huizinga e Clifford Geertz para compreender a questão de performance; Raewyn Connell, Miguel Almenida, Melanie Klien, Heleieth Saffioti, Juan Scott, dentre outros, para compreender as dimensões da masculinidade e feminilidade; e, por fim, as concepções de Antonio Gramsci e Michel Foucault para compreender a noção de hegemonia e poder.

No capítulo I, "União necessária: morte e vida", Conceição inicia sua análise sobre a Irmandade da Boa Morte, uma organização feminina devota da Virgem Maria e consagrada nas cores de seu patrono, o Orixá Obaluaiê, analisada etnograficamente em suas performances corporais como representações de masculinidades e feminilidades em suas categorizações estruturantes. As integrantes da Boa Morte trazem a morte africana em diálogo com a simbologia católica, ou seja, é revestida pela simbologia católica ao mesmo tempo que transita pelo universo do Candomblé. Suas cerimônias públicas performam os símbolos do catolicismo como procissões, cânticos católicos e missas dedicadas a Maria, mãe de Jesus. A conjuntura da Boa Morte também possui ritos internos que envolvem banhos, sacralização de animais, comidas para alguns Orixás e limpezas do espaço, ri-

tos esses pertencentes à cosmologia do candomblé, como conceitua Conceição. Mesmo havendo o contato entre as simbologias católicas e candomblecistas, a concepção de morte, nesse contexto, é constituída a partir da ideologia africana, quando a morte, o ato de morrer e o Axêxê[1] configuram-se em ritos necessários para a continuidade da vida. Em diálogo com Émile Durkheim, em sua obra *As forças elementares da vida religiosa* (1989, p. 444), a autora apresenta o ritual como uma representação das vivências e manutenção do diálogo entre tempos passados e presentes. Ela traz o pertencimento do candomblé e do catolicismo, ritualizado pelas vivências das irmãs, como forma que permite ao ritual lembrar o passado, tornando-o presente (p. 67).

No capítulo II, "Construção das Feminilidades e Masculinidades na Irmandade da Boa Morte", Conceição desenvolve a análise da autodescrição enquanto formuladora das concepções de feminilidades e masculinidades, por serem categorias que se constituem de flutuações e revezes dentro de um contexto sociocultural. As narrativas da autodescrição resgatam na memória o comportamento do coletivo, bem como em seus ritos. Nesse capítulo, os rituais mortuários transparecem o rito de performance do corpo revestido pela identidade do poder. O Axêxê, a Boa Morte e o Culto de Babá Egum tratam os ritos fúnebres a partir de suas peculiaridades, e a autora traz o livro *Pureza e Perigo* de Mary Douglas (1991) para conceituar a morte enquanto representação da impureza que põe em perigo a ordem. Entretanto, o rito do Axêxê permitiria a reorganização social, isto porque a impureza ou poluição, trazidas por Douglas, seriam uma categoria de perigo que se manifesta onde a estrutura social se define. Em contrapartida, a Boa Morte e o Culto de Babá Egum entendem os ritos mortuários como necessários ao funcionamento do cotidiano comunitário, sendo esses não apenas um culto de "lapso".

Assim, Conceição discute no capítulo III, "A construção de masculinidades e feminilidades no Culto de Babá Egum", a relação que o sagrado desempenha enquanto elemento determinante e estruturador de normas e comportamentos, especificamente no que transpassa os dilemas vivenciados pelas mulheres que são proibidas de circular e executar determinadas funções nos espaços rituais, questionando ainda a postura masculina e das performances utilizadas para legitimar a masculinidade hegemônica.

O capítulo seguinte, o IV, denominado "Masculinidades e feminilidades: diferenças ou complementaridades", Joanice Conceição discute os aspectos convergentes e divergentes nos dois cultos observados, sustentando-se na ideia de que é necessário olhar e viajar até o passado para compreender a ligação entre a Irmandade da Boa Morte e o Culto de Babá Egum. Nessa perspectiva, ilustra como o antigo bairro da Barroquinha, na cidade de Salvador/BA, durante a segunda metade do século XVII, manifestava não somente um tradicional reduto de personagens conhecidos do candomblé baiano, como também abrigava casas de culto aos orixás e ainda algumas sociedades secretas, dentre as quais destaca as organizações Ogboni, Gèlèdé e Egumgum. Dessa forma, Joanice Conceição traça um paralelo entre as figuras proeminentes Iyá Nassô (Maria Júlia Figueiredo), a Eleru e Bamboxê, organizadores e com certa transitoriedade entre essas organiza-

1 O Axêxê é um rito fúnebre, realizado somente quando a pessoa que morre é iniciada na religião afro-brasileira candomblé. Este rito tem por finalidade encaminhar o espirito da pessoa que morreu até o lugar apropriado, sendo também um rito de limpeza, purificação e reorganização da ordem social no terreiro de candomblé ao qual a pessoa morta pertencia (p.60).

ções. Joanice Conceição traz como maneira de justificar tal mobilidade a discussão sobre masculinidades, feminilidades e performances, como forma de garantir o poder passado secularmente.

A Boa Morte e o Culto a Babá Egum preservam a vida. São cultos estruturados pelo axé transmitido pela oralidade, e essa vivência é formadora direta das concepções de feminilidades e masculinidades em ambos os cultos. E o rito é uma linguagem performática que se estabelece a partir de uma ação que sobrepuja a ação realizada. É na performance do rito e na autodescrição que Conceição elucida como as formas de feminilidades são perpassadas pela tradição geracional dessas mulheres, seja ela sanguínea ou pela hierarquia do culto à Boa Morte. Ademais, é na vivência dentro do espaço dos *Lesém-Egum* e no axé transmitido oralmente que os homens passam a tradução e a concepção de masculinidades formadoras da identidade do grupo. Ambos os grupos coexistem com funções internas destinadas tanto a homens quanto a mulheres. As questões de masculinidades e feminilidades no culto ancestral revelam faces associadas ao efeito de forças sobrenaturais, que são utilizadas para justificar a exclusão das mulheres nos ritos ancestrais de Babá Egum, bem como o fato de a face da tradição não poder ser modificada conscientemente.

Na transição entre esses dois espaços, Joanice Conceição adverte que as performances dos papéis masculinos e femininos revelam a dubiedade, a impermanência, a não fixação, em resposta à ambivalência das relações e das estruturas nas quais se realizam os ritos mortuários analisados. A análise de gênero dentro do contexto ritualístico mortuário, a partir do campo comparativo entre Boa-Morte e o Culto de Babá Egum, é um conteúdo inédito tendo em vista que os estudos feitos pela autora perpassam pela *performance do gênero*. Apesar do importante entendimento na análise da performance do gênero como composição da descrição do rito, o livro deixou a desejar apenas pelo processo de investigação ser baseado mais centralmente no diálogo com autores e autoras que se pautam por uma perspectiva teórica europeia, o que pode ter deixado a visão sobre os ritos estudados, um pouco distante da concepção de suas atoras e atores. Essa escolha bibliográfica não fica plenamente justificada no livro. Ainda assim, em meio a gêneros performáticos na Boa Morte e no Culto a Babá Egum, temos um trabalho que vale a leitura!

Recebido: 08/11/2019
Aprovado: 14/11/2019